

DE LIVROS E LEITORES: PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DA LITERATURA ESPÍRITA BRASILEIRA ENTRE OS ANOS DE 1944 E 1968

Ana Lorym Soares

INTRODUÇÃO

O Espiritismo surge na França em meados do século XIX quando o pedagogo lionês Hippolite Leon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, compilou um conjunto de livros cujo conteúdo resultava de informações passadas através de meio mediúnico por espíritos de homens que teriam vivido na Terra. O primeiro livro apresentado ao público foi **O Livro dos Espíritos**, publicado em 1857ⁱ e que expunha os princípios da nova doutrina, que podem ser resumidos assim: imortalidade da alma, comunicabilidade entre os vivos e os mortos e a reencarnação dos espíritos (Fernandes, 2008, p. 68).

A Doutrina dos Espíritos chega ao Brasil pouco tempo depois de sua codificação na França. Embora seja comum datar esse início a partir da instalação, por Luiz Olímpio Teles de Menezes, do Grupo Familiar de Espiritismo em 1865, na Bahia, o interesse pelos fenômenos espíritas já se fazia presente de forma difusa no meio intelectual e em setores sociais médios e urbanos no Brasil (Valle, 2010, p. 75). A partir das décadas de 1870 e 1880 o número de adeptos cresce juntamente com o número de jornais e grupos centrados nos estudos do Espiritismo, o que possibilita a fundação na capital do Império, da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1884, órgão que buscava organizar o movimento espírita no país (Valle, 2010, p. 75).

Paulatinamente a FEB vai-se estruturando como instituição reguladora da Doutrina dos Espíritos em terras brasileiras, sobretudo, a partir da primeira metade do século XX, ao promover ações de cunho social (atendimento médico gratuito, doação de medicamentos e alimentos etc.) e edição de obras literárias espíritas, entre elas as chamadas obras básicas de Allan Kardec e de autores brasileiros, especialmente, através de meio psicográfico.ⁱⁱ

O objetivo deste artigo insere-se no contexto de atuação da FEB em meados do século XX, quando a referida instituição faz chegar ao público uma série literária concebida pelo médium mineiro Francisco de Paula Cândido Xavier,ⁱⁱⁱ cuja autoria espiritual foi remetida a André Luiz, espírito de um médico que teria vivido no Rio de

Janeiro até a década de 1930. A série denominada A vida no Mundo Espiritual ou Nosso Lar teve seu primeiro livro, **Nosso Lar**, lançado no segundo semestre de 1944 e teve fim com a edição do livro **E a vida continua...**, em 1968.^{iv}

Ao analisar a supracitada série, pela via da História Cultural, é possível indagar acerca de sua constituição formal, tipos de edição e circulação, mas também, sobre as imagens evocadas por ela e as formas de recepção que gerou em seu público leitor. O campo de possibilidades é vasto, contudo, no presente texto, visa-se apenas lançar algumas reflexões iniciais acerca dessas possibilidades a partir da referida coleção de livros espíritas.

A ESCRITA, O LIVRO E A LEITURA NO ESPIRITISMO

No Espiritismo, seus adeptos, de modo geral, desenvolvem uma relação muito próxima com o texto escrito. Tanto no caso brasileiro quanto no francês, desde seus primeiros momentos de existência, o processo de formação doutrinal, de controle contínuo e de pedagogia passam pelo livro e pela escrita (Aubrèe e Laplantine, 2009, p. 235). Escrita esta valorizada e exercitada na prática mediúnica da psicografia, onde se encontra revestida de valor capital, pois atuaria como meio principal de conexão entre os planos espirituais - de onde espíritos superiores ditariam mensagens orientadoras aos médiuns - e a Terra. O próprio compilador da Doutrina dos Espíritos, Allan Kardec, explicita a prevalência do meio escrito de transmissão, ao asseverar que “De todas as formas de comunicação, a escrita manual é a mais simples, mais cômoda, e sobretudo a mais completa. (...) ela permite estabelecer relações permanentes e regulares com os Espíritos.” (Kardec, 1981, p. 194).

Por esse viés, a escrita comporia o *corpus* textual que deveria ser estudado e interiorizado. Segundo os antropólogos Marion Aubrèe e François Laplantine, o estudo, e mais particularmente o estudo das obras fundamentais do Espiritismo - os livros de Allan Kardec e os de Chico Xavier - teriam o poder de transformar, porque dentro desse quadro de referências, “(...) Ninguém torna-se espírita sem esforço, sem trabalho, e é, em primeiro lugar, a leitura que tem como objetivo disciplinar e orientar a vida de cada um.” (Aubrèe e Laplantine, 2009, p.135).

As práticas de leitura que compõe o sistema ritual espírita vão-se ampliando e fazendo uso, cada vez mais, de um tipo de literatura mediúnica produzida no Brasil. Esse

aspecto pode ser observado com a circulação dos livros de autoria de Chico Xavier, desde 1932, quando publicou sua primeira obra, **Parnaso de Além Túmulo**^v e, principalmente, a partir de 1937, quando passou a publicar textos cuja autoria espiritual foi atribuída ao recém falecido escritor Humberto de Campos (Rocha, 2008, p. 75-80). É o que registra, por exemplo, o articulista R. Magalhães Júnior, em artigo publicado no jornal **A Noite** de 24 de maio de 1944:

(...) a verdade é que esses livros têm público numeroso. E deles se tiram edições sucessivas, que talvez não cheguem a alcançar alguns dos editados por José Olímpio, embora este livreiro seja um dos campeões dos *best-sellers* nacionais. (...) Os livros atribuídos a Humberto de Campos têm sido um verdadeiro sucesso de livraria, vendendo-se hoje por todo o Brasil. Os poemas assinados por poetas do Além e ditados ao médium Chico Xavier encontram público tão grande quanto as **Espumas Flutuantes**, de Castro Alves, ou os **Cantos do Exílio**, de Gonçalves Dias. Ou maior, talvez. (Rocha, 2008, p. 79-80)

Se levarmos em conta o conteúdo da matéria jornalística acima, poderemos inferir que em 1944, quando veio a lume o primeiro livro que Chico Xavier teria recebido do espírito André Luiz, através de meio psicográfico, a leitura já se constituía como um elemento formador da identidade espírita brasileira^{vi} e as edições nacionais, especialmente as de Chico Xavier, já gozavam de relativo sucesso entre os leitores. A partir do exposto, cabe considerar - mesmo como hipótese - que essa literatura dificilmente estava circunscrita ao público espírita, antes disso, canalizava interesses de pessoas de crenças diversas. Porém, resta verificar quem eram esses leitores e de que modo empreendiam significado ao conteúdo dessa literatura. Se a identificação do público leitor das referidas obras, até o estágio atual da pesquisa, ainda não foi levada a efeito, as impressões que a leitura dessas obras causaram podem ser parcialmente mapeadas a partir da análise de materiais divulgados dentro do próprio campo espírita no recorte temporal em apreço, como é o caso de resenhas e comentários acerca dos livros em jornais espíritas da época.

CRIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DO ALÉM NA SÉRIE NOSSO LAR

Nosso Lar, o primeiro livro da coleção A Vida no Mundo Espiritual, foi lançado no segundo semestre de 1944 pela editora da FEB. A obra versa sobre os primeiros anos do

médico André Luiz, após sua morte, numa suposta colônia espiritual, espécie de cidade onde se reúnem espíritos para aprenderem e trabalharem entre uma encarnação e outra. Antes de chegar à cidade denominada Nosso Lar, André Luiz teria passado algum tempo no Umbral, lugar, segundo a crença espírita, que atuaria como uma zona purgatória.

De acordo com o que se descreve no livro homônimo, Nosso Lar seria uma colônia habitada por espíritos relativamente superiores e que levariam uma vida próxima a uma versão melhorada da vida na Terra. Como se pode constatar através da narrativa que André Luiz teria feito a Xavier para ser repassada aos leitores terrenos.

Decorridas algumas semanas de tratamento ativo, saí, pela primeira vez, em companhia de Lísias.

Impressionou-me o espetáculo das ruas. Vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas. Ar puro, atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Não havia, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, porque as vias públicas estavam repletas. Entidades numerosas iam e vinham. Algumas pareciam situar a mente em lugares distantes, mas outras me dirigiam olhares acolhedores. Incumbia-se o companheiro de orientar-me em face das surpresas que surgiam ininterruptas. (Xavier, 1944, p. 50.)

E prossegue compartilhando com seus leitores as experiências na referida cidade espiritual, dessa vez, utilizando como recurso um narrador auxiliar: Lísias, um dos seus mediadores na cidade com quem teria travado o seguinte diálogo:

- Estamos no local do Ministério do Auxílio. Tudo o que vemos, edifícios, casas residenciais, representa instituições e abrigos adequados à tarefa de nossa jurisdição. Orientadores, operários e outros serviços da missão residem aqui. Nesta zona, atende-se a doentes, ouvem-se rogativas, selecionam-se preces, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turma de socorros aos habitantes do Umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendam ao sofrimento.

- Há, então, em “Nosso Lar”, um Ministério do Auxílio? – Perguntei.

- Como não? Nossos serviços são distribuídos numa organização que se aperfeiçoa dia a dia, sob a orientação dos que nos presidem os destinos.

- (...) Não tem visto, nos atos de prece, nosso Governador Espiritual cercado de setenta e dois colaboradores? Pois são os Ministros de “Nosso Lar”. A colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se em seis Ministérios, orientados, cada qual, por doze Ministros. (Xavier, 1994, p. 50-51.)

Nas demais obras que compõem a Série o foco das narrativas é deslocado para o tema da mediunidade e, em menor grau, da reencarnação, tendo como pano de fundo a ação de “espíritos missionários” - dos quais André Luiz teria feito parte como aprendiz-observador - em viagens por várias zonas espirituais de sofrimento habitadas por espíritos de pessoas que teriam vivido na Terra. No livro **Libertação**, de 1949, Chico Xavier relata a experiência de uma visita que o personagem André Luiz fizera a uma “região abismal” situada nas proximidades da “crosta terrestre”:

Respondendo-nos a argüições afetuosas, o Instrutor informou-nos de que teríamos apenas alguns dias de ausência. (...) Após a travessia de várias regiões, “em descida”, com escalas por diversos postos e instituições socorristas, penetramos vastos domínios de sombras. A claridade solar jazia diferenciada. Fumo cinzento cobria o céu em toda sua extensão. A volitação fácil se fizera impossível. A vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a idéia de braços erguidos em súplicas dolorosas. Aves agoueiradas, de grande tamanho, de uma espécie que só poderá ser situada entre os corvídeos crocitavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas. O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. (Xavier, 1949, p. 29)

O apelo às passagens bíblicas, ao lado dos prefácios escritos por Emmanuel - aquele que dentro da tradição espírita brasileira seria um espírito superior e guia de Chico Xavier - constituem outro elemento formador desses enredos, imprimindo um ar doutrinador do qual se tenta impor uma orientação moral. Isto pode ser observado no fragmento abaixo, cuja autoria foi remetida a Emmanuel:

Prece no limiar

Pai de infinita bondade!

Este é um livro em que permite ao nosso André Luiz traçar, em lances palpitantes da existência, alguns conceitos da Espiritualidade Superior, em torno de sexo e destino – fotografia de nossas realidades amargas que entremeaste de esperanças eternas.

Entregando-os aos companheiros encarnados no mundo, queremos recordar Jesus – o Enviado de Tua Ilimitada Misericórdia – naquele dia de sol em Jerusalém...

Na praça repleta de acusadores, escribas e fariseus apresentaram-lhe a sofredora mulher que dizia haver apanhado em transgressão, ao mesmo tempo que o inquiriam, experimentando-lhe a conduta (...) (Xavier, 1963, p. 04)

As narrativas acima pontuadas, certamente produziram reações diversas entre seus leitores. O historiador Roger Chartier sublinha que para se ter acesso, de algum modo, às leituras e apropriações de um texto, as resenhas e comentários de livros publicados em jornais são fontes fundamentais. Através delas é possível entrever quais os trechos da obra resenhada escolhidos para serem comentados ou reproduzidos; como se faz essa reescrita do texto original; quais as relações que são elaboradas a partir dos fragmentos selecionados etc. (Chartier, 2001, p. 66-69). O acesso às opiniões externas ao Espiritismo é, neste momento da pesquisa ainda inviabilizado. Contudo, a leitura de alguns periódicos espíritas como **O Semeador** e **O Reformador**, permitiu, mesmo que de forma inicial, visualizar a recepção de alguns livros da série A Vida no Mundo Espiritual, por parte dos seus leitores.

Na edição de dezembro de 1944 de **O Semeador**, Luiz Monteiro de Barros, médico e espírita ligado à FEESP, escreveu um comentário sobre as impressões que **Nosso Lar** teria gerado entre seus colegas de crença, originando as “(...) mais variadas e pejorativas críticas por vários líderes da doutrina dos espíritos (...)” (Barros, 1944, p. 03). De modo semelhante o autor espírita Michaelus, em texto denominado **Ficção? Simbolismo? Realidade?** sugere que essas perguntas têm ocorrido a muitos leitores de **Nosso Lar** e **Os Mensageiros**, e que para além dos ensinamentos que ensejam, podem parecer “(...) como se fôra um país encantado, com tôda organização com os seus mais curiosos e precisos detalhes, com serviços regulares de vigilância, assistência, postos de socorro, hospitais, aprendizados, sistemas de comunicações, etc. (...)” (Michaelus, 1954, p. 05-06).

Dois anos depois, também em **O Reformador**, em artigo cuja autoria não foi revelada, registra-se que “Desde o aparecimento de **Nosso Lar** até agora a correspondência recebida pela Federação Espírita Brasileira sobre os livros desse ilustre médico e literato do invisível é imensa (...)” (Sem autor, 1947, p. 21-22). No texto relata-se ainda que essa correspondência segue duas linhas: as cartas que expressam estranhamento acerca das descrições demasiadamente materiais do mundo espiritual, portanto, aceitando-as como simples fantasia, romance, ficção; na contramão dessas missivas, há as que recebem a literatura mediúnica de Chico Xavier sobre a vida no além com entusiasmo (Sem autor, 1947, p. 21-22).

Desse modo, é possível fazer algumas observações acerca do conteúdo da documentação analisada: os autores dos comentários mostraram-se defensores dos relatos sobre a vida no mundo espiritual nas obras de Chico Xavier, o que pode ser evidenciado

também pelo fato de terem merecido espaço nos principais periódicos espíritas do país, especialmente **O Reformador**, porta-voz da FEB, instituição responsável pelas edições das obras de Xavier e que, dificilmente cederia espaço em sua revista para resenhas que pusessem em xeque, de algum modo, suas publicações. Os autores, por suas inserções no campo espírita, dificilmente teriam motivo para contrariar os interesses dos que dirigiam a FEB e as suas publicações. O escritor Michaelus, por exemplo, teve seu livro **Magnetismo Espiritual** publicado pela editora da FEB, sendo impresso em várias edições (Michaelus, 2007). O autor que escreveu o artigo **Os Livros de André Luiz**, embora não tenha revelado sua identidade, esta pode ser reconhecida em comparação com vários outros textos sem autoria determinada nas páginas de **O Reformador** que apontam para o diretor da FEB à época, Antônio Wantuil de Freitas.^{vii} O fato do autor não se identificar, provavelmente, tem a ver com o desejo de fazer suas ideias serem associadas ao periódico, de onde, por sua vez, seriam remetidas à FEB, institucionalizando as opiniões do autor como se fossem da instituição e, por conseguinte, da Doutrina Espírita.

O conteúdo dos artigos explicita que houve muita suspeita por parte dos leitores em relação a esses relatos. Os comentários demonstram também que o receio girava em torno da veracidade das narrativas: seriam ficção, próximas a uma narrativa fantástica? seriam simbolismo, no qual as descrições atuariam apenas como recurso metafórico? ou seriam, na verdade, “realidade palpante”, que somente causaram estranhamento devido às descrições de “coisas incostumadas”? (Agarido, 1947, p. 08). Evidentemente não se busca neste artigo responder a tais questões visto que transcendem às possibilidades de apreensão de qualquer pesquisador de ciências humanas e sociais, porém, se essas dúvidas foram levantadas pelos leitores, é importante investigar como elas foram respondidas por aqueles que defendiam a veracidade dos relatos.

Em literatura, o fantástico se define na relação com o real e o imaginário (Todorov, 2010, p. 16.) e quem decide se o que percebem provém ou não da “realidade” é o leitor. Todorov registra que “Ao finalizar uma história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma, entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico.” (Todorov, 2010, p. 24). Embora, o linguista húngaro não se refira à literatura especificamente religiosa, o processo de atribuição pessoal de sentido da leitura, como ele sugere, é comum a todos os leitores, mesmo, no caso do texto religioso, no qual outros

elementos são computados para esse fim. Mesmo assim, é necessário ainda inquirir sobre esse processo de atribuição de sentido da literatura de Chico Xavier.

Segundo o antropólogo Bernardo Lewgoy, “O público leitor de romances espíritas busca a continuidade literária de um tipo de experiência ligada à cosmologia própria do Kardecismo, que enfatiza a realidade da vida após a morte, a reencarnação e a confirmação da vigência das leis morais espíritas (...)” (Lewgoy, 2000, p.148). Lewgoy escreve isso tendo em mente leituras levadas a efeito durante as duas últimas décadas do século XX no Brasil, portanto, posterior ao período aqui analisado, mas que, mesmo assim, põe-nos diante de um problema pertinente ao objeto de estudo deste trabalho, qual seja: a continuidade ou descontinuidade empreendida pela série **Nosso Lar** em relação a uma tradição literária espírita.

Historiadores como Jacques Le Goff, Philippe Ariès, Michel Vovelle e Jean Delumeau por caminhos distintos acessam uma tradição religiosa ocidental de representações socioculturais do além produzidas para lidar com o medo da morte. Estas representações, na maior parte, católicas e medievais, buscam espacializar o além criando lugares específicos para orientar o destino das almas. Assim, nasce o Purgatório, que na geografia do além é um lugar intermediário de expiação dos pecados veniais (Le Goff, 1995, p. 253). O Céu também ganha contornos mais nítidos quando na teologia católica é dividido entre o Céu da Trindade, o Firmamento e o Empíreo, onde Deus manifestaria todas as suas grandezas (Delumeau, 2003, p. 53).

Carlos Ziller, no texto **A Literatura do Outro Mundo**, registra que narrativas cosmológicas e descrições de viagens para fora da Terra fazem parte de uma tradição ocidental de literatura que associa narrativa fantástica, ficção científica e tentativa de explicação religiosa e, que remonta à Antiguidade Clássica, levada adiante pela Escolástica - da qual Dante Alighieri seria herdeiro - e atualizada no início da Era Moderna, através das viagens de descobertas do “Novo Mundo” e invenções técnico-científicas (Camenietzki, 2007, p. 43-66).

No artigo **Os Livros de André Luiz**, mencionado anteriormente, o autor que, muito provavelmente, é Wantuil de Freitas, diretor da FEB, tenta justificar a dúvida que eivou significativa parte dos leitores dos primeiros livros da Série. Para fazê-lo o autor recorre à associação dessas obras a uma tradição literária ligada à Escola Espírita Anglo-Saxônica, visto que Kardec não se deteve sobre esse tema, a não ser, no genérico artigo

Quadro da Vida Espírita, publicado em 1859 na **Revista Espírita** (Kardec, 1859). Wantuil, assevera que:

Os que só conhecem literatura espírita francesa acham muito material e concreto o mundo espiritual apresentado por André Luiz (...) os que conhecem literatura espírita inglesa e americana já se acham familiarizados com semelhantes descrições do mundo espiritual próximo da Terra e recebem com imenso entusiasmo os livros de André Luiz, o quais confirmam, no mundo latino, aquelas mesmas situações encontradas na imensa literatura espírita de língua inglesa (Sem autor, 1947, p. 21-22).

E completa: “Ao nosso ver, as obras de André Luiz têm o fim providencial de estabelecer a ligação das duas Escolas Espíritas: a francesa, fundada por Allan Kardec, e a anglo-saxônica, de Andrew Jackson Davis,^{viii} um pouco mais velha do que a Kerdeciana.” (Sem autor, 1947, p. 21-22). E ao buscar resolver, com mais eficiência, o impasse, o autor informa que, em breve, seria lançado pela FEB um livro organizado pelo professor Francisco Valdomiro Lorenz,^{ix} no intuito de esclarecer “aos que só conhecem literatura francesa.” (Sem autor, 1947, p. 21-22). Enquanto isso, os fragmentos do livro seriam publicados na revista da FEB, em uma seção denominada **Viagens no Mundo dos Espíritos** (Sem autor, 1947, p. 21-22), o que não foi ainda constatado nesta pesquisa.

Em outra ocasião, o jornalista espírita Wandick Freitas procurou endossar a confiabilidade dos relatos contidos na série *Nosso Lar* recorrendo à autoridade da “extraordinária mediunidade de Chico”, à mediação do “respeitável Emmanuel”, e a não contrariedade às obras de Kardec (Freitas, 1955, p. 17). No decorrer do texto, ratificou a relação das obras de Xavier com a matriz anglo-saxônica, utilizando-se para tal, fragmentos do livro *The Life Beyond The Veil*, do reverendo americano G. Vale Owen, que semelhante ao **Nosso Lar**, descreve com minúcias o que seriam paisagens do além.^x

O esforço empreendido para desfazer o estranhamento e certa rejeição causados pelas obras da série iniciada em 1944, e especialmente, a forma como se buscou realizar esse intento, desperta muitas indagações. Chama atenção, de início, a tentativa de aproximação à escola anglo-saxônica como forma de validar os relatos de Xavier, quando, justamente no Brasil buscou-se reafirmar uma continuidade em relação à matriz francesa, de Allan Kardec, inclusive, associando a existência da Doutrina, à codificação realizada pelo pedagogo lionês. A forma pretensamente esclarecedora com que os dois autores

introduzem o modelo anglo-saxão de literatura mediúnica em suas explicações, pode ser vista, também, como evidência do quão desconhecido era para os leitores de obras espíritas brasileiros esse modelo. Ainda assim, é fundamental investigar se ocorreu, para além da intenção, uma aproximação entre essas duas escolas no Brasil, a partir da mediação das obras de Chico Xavier.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: LITERATURA E RELIGIÃO EM DISPUTA NO CAMPO ESPÍRITA

Entre os artigos produzidos para justificar e fornecer autoridade às narrativas produzidas na série *Nossa Lar*, inclui-se o texto que o escritor espírita Ernani Cabral divulgou em **O Reformador**, no ano de 1957. Com a justificativa de comentar o 9º livro da Série, pondera sobre a importância do estudo e do livro, para em seguida, solicitar aos seus “confrades espíritas” que confiem nos livros editados pela FEB e assegura que “(...) lendo suas obras, não estaremos às voltas com falsos profetas, que ora se multiplicam, procurando lançar a confusão nos arraiais espíritas.” (Cabral, 1957, p. 20-22). Acrescenta ainda que :

A Casa-Mãe do espiritismo no Brasil tem autoridade moral para orientar o movimento e dar o rumo certo aos espíritas. Ela com isso não se quer transformar em um papado, pois que não traça dogmas, não se diz infalível, não anatematiza, não excomunga, não contraria, não discute. Todo espírita é um homem livre para raciocinar como quiser. Mas nós, que somos espíritas velhos, já calejados na luta pela Verdade, temos o direito de alertar nossos irmãos, no sentido de que dêem todo o seu apreço à FEB e aos livros por ela editados, porque, geralmente, são verdadeiros brilhantes, puras gemas de ensinamentos, que orientam, edificam, esclarecem e consolam. Está nesse caso a recente obra “Ação e Reação”, ditada pelo Espírito André Luiz, e recebida psicograficamente pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, que até hoje tem sido um fiel intérprete dos mensageiros de Deus, assim como Zilda Gama, Yvone A. Pereira e outros, que tão belos livros têm dado à nossa literatura.” (Cabral, 1957, p. 20-22).

Os fragmentos acima são premissas de questões que incitam à reflexão acerca da relação que foi estruturada entre as obras de Chico Xavier e o papel da FEB à frente do movimento espírita no Brasil. Neles, Cabral sugere que estivesse havendo contestação do papel condutor da FEB aos rumos espíritas e, essa contestação parece estar relacionada à edição de livros. Visto que, de um lado se encontravam aqueles publicados pela FEB, que

detinha os direitos autorais de médiuns como Yvone A. Pereira, Zilda Gama e Chico Xavier. De outro, estariam às edições dos “falsos profetas” que se multiplicavam lançando confusão no meio espírita. A “confusão” a qual Ernani Cabral se refere não data apenas do momento em que ele escreve (1957), mas deita raízes na década de 1940, o que se pode verificar a partir da missiva que Chico Xavier endereçou ao diretor da FEB:

Não te incomodes, meu caro amigo, com os boatos da confusão. (...) Em Belo Horizonte, amigos nossos em doutrina proclamaram de público que “Chico Xavier não passa de uma propriedade da Federação”, outros me escrevem me perguntando “qual foi o preço pelo qual me vendi a ela”. Confrades da própria Bahia costumam escrever-me, começando assim: “Prezado amigo Chico Xavier, você que se enriqueceu com a literatura mediúnica, envie-nos tanto para auxiliar-nos nisto ou naquilo.” Muitos me indagam sobre os “preços de meu contrato mediúnico com a Federação” e alguns irmãos aí do Rio, quase semanalmente, me escrevem em termos ásperos, acusando-me de estar vendido à Casa de Ismael. (...) (Schubert, 1998, p. 37).

Depois de avaliar os ensinamentos que tais acusações proporcionariam, Xavier prossegue:

Grato pelas notícias do caso H. C. Esperemos por Jesus e pelas decisões do Supremo Tribunal com o qual Dr. Timponi à frente. Do que surgir, espero o obséquio de tuas notícias, sim?
Em anexo, te envio no original um trabalho que recebi ontem de André Luiz. Estou certo de que, com a ajuda de Deus, receberemos, em breve, novo livro dele. (Schubert, 1998, p. 38).

O confronto entre os dois documentos põe de manifesto um contexto tenso no qual as obras de Chico Xavier, irrompem como elemento crucial, nas duas acepções que o termo permite: por se revestirem de fundamental importância e por estarem entrecruzadas por um conjunto amplo de elementos dos quais se podem esboçar várias questões. Inicialmente, parece-nos que o foco do conflito se dá em termos de disputa ou concorrência editorial. Se assim o for, quem seriam os demais personagens nessa arena, para além de Chico Xavier e Wantuil de Freitas, diretor de FEB? Ou dito de outro modo, quem seriam “os falsos profetas” sobre os quais escreve Ernani Cabral e qual seria o conteúdo de suas “profecias”?

Na tentativa de entender, mesmo, parcialmente essas questões, busco inferir uma resposta a partir da documentação disponível. Chico Xavier, na carta acima citada, aponta

que eram os próprios companheiros de doutrina que lhe acusam de estar se beneficiando, juntamente com a FEB das publicações geradas por meio mediúnico. Sabe-se, também que, nesse período (anos de 1940-50-60) os direitos autorais de Xavier pertenciam à Editora da FEB, mesmo que já existissem outras editoras espíritas em atividade no país. Desse modo, é possível considerarmos que os ditos falsos profetas, “semeadores da discórdia” no meio espírita de então, eram os seguidores do Espiritismo que viam com desconfiança a geração de razoáveis valores no meio espírita quando, justamente a máxima evangélica “dai de graça o que de graça recebeste” era de uso corrente entre os adeptos da Doutrina. Além disso, o fato de os dividendos estarem sendo administrados exclusivamente pela instituição que, nesse momento, buscava-se consolidar como o órgão máximo e regulador dos destinos do Espiritismo no Brasil, fazendo tábula rasa das várias agremiações existentes parecia incomodar alguns espíritas, que mostravam-se descontentes com a ligação estreita entre o médium Chico Xavier e a FEB.

Em consonância ao que afirma Pierre Bourdieu, é possível sugerir que o conflito que se estabelece nesse momento põe o campo literário e religioso espírita em interação numa disputa de poder pela premência de falar em nome da Doutrina dos Espíritos, de rejeitar ou consagrar obras e autores através de uma operação cujo resultado seria a codificação de um discurso, uma representação, no caso, de representações literárias mediúnicas. A noção de codificação proposta pelo sociólogo francês implica aparar arestas discursivas, conformar fronteiras mal traçadas, operando cortes nítidos com o risco de eliminar pessoas que não fariam a diferença nessa manobra (Bourdieu, 2004, p. 96-107).

Bourdieu expõe também que os agentes imbuídos da missão de construir essa homogeneização costumam recorrer ao capital simbólico, isto é, ao reconhecimento acumulado no decorrer de lutas anteriores, com o propósito de validarem sua atuação (Bourdieu, 2009, p. 27-79). Ernani Cabral, acentua que a “Casa-Mater do Espiritismo no Brasil” se reveste de autoridade moral suficiente para orientar os espíritas, indicando-lhes o rumo certo (Cabral, 1957, p. 20-22.). Provavelmente ele estaria se referindo à trajetória encetada pela direção da FEB ao longo da primeira metade do século XX, pois neste período, a FEB esteve às voltas com instituições policiais, jurídicas, médicas e sanitárias na tentativa de fixar um *locus* de atuação para as práticas espíritas. Segundo Enerson Giumbelli, esse percurso permitiu ao Espiritismo sair de uma conjuntura de condenação e

alçar-se a outra de legitimação de suas práticas, na qual a identificação com sua veia religiosa e assistencialista teve relevância capital (Giumbelli, 1997).

Xavier, por sua vez, faz referência na carta dirigida à Wantuil, às complicações jurídicas originadas pelo caso Humberto de Campos, ainda em 1945 (Schubert, 1998, p. 38). Esse caso teve início quando a viúva do autor de **Diário Secreto** reclamou o direito aos dividendos gerados pelas publicações que Chico Xavier, através da FEB, fazia chegar ao público como se fossem de autoria do escritor falecido (Rocha, 2008). A visualização desse cenário permite-nos apontar para a possibilidade de a experiência ensejada com o caso Humberto de Campos tenha atuado no novo projeto literário do médium e empreendimento editorial da FEB, de modo a fornecer-lhes cautela para poder se movimentar, com mais eficiência, dentro do jogo político que se desenvolvia em torno da edição de livros espíritas. Contudo, a suspeita dentro do próprio campo espírita, gerava a necessidade de, mais uma vez, Chico Xavier e a direção da FEB aprimorarem táticas de jogo a fim de posicionarem-se com maior eficácia no campo em disputa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGARIDO Cristiano. O quinto volume de André Luiz. In: **O Reformador**, Mai./1947.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ARIÈS, Philippe. Uma antiga concepção do além. In: BRAET, Herman, VERBEKE, Werner (Orgs.). **A morte na Idade Média**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 79-87.
- AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BARROS, Luiz Monteiro de. Com relação à Nosso Lar. In: **O Semeador**, Dez./1944.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CABRAL, Ernani. Ação e Reação. In: **O Reformador**. Ago./1957.
- CAMENIETZKI, Carlos Ziller. A literatura do outro mundo: ficção e ciência no século XVII. In: **Escritos**: revista da Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 43-66, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- _____. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- _____. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Mil anos de felicidade:** uma história do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **O que sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo.** São Paulo: Editora Pensamento, 1979.
- Enciclopédia EINAUDI. Vol. 12 **Mithos\Logos-Sagrado\Profano.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.
- FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do espiritismo no Brasil:** razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914). Brasília – DF, 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação e Ciências Sociais. Universidade de Brasília.
- FREITAS, Wandick. André Luiz e Suas Histórias “Muito Terrenas”. In: **O Reformador**, jul./1955.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns.** São Paulo: LAKE, 1981.
- _____. Quadros da Vida Espírita. In: **Revista Espírita.** Jornal de Estudos Psicológicos. Paris-FR, ano 2, n. 4, Abril./1859.
- LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório.** Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras:** um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista. São Paulo – SP, 2000, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo.
- MICHAELUS. Ficção? Simbolismo? Realidade? In: **O Reformador**, Jan./1954.
- _____. **Magnetismo espiritual.** Rio de Janeiro: FEB, 2007.

ROCHA, Alexandre Carolli. **O caso Humberto de Campos**: autoria literária e mediunidade. Campinas-SP, 2008. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.

SCHUBERT, Sueli Caldas. **Testemunhos de Chico Xavier**. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SEM AUTOR. Os Livros de André Luiz. In: **O Reformador**. Jul./1947.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VALLE, Daniel Simões do. **Intelectuais, espíritas e abolição da escravidão**: os projetos de reforma na imprensa espírita (1867-1888). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2010.

VOVELLE, Michel. **As almas do Purgatório ou o trabalho de luto**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. **Libertação** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

_____. **Nosso Lar** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

_____. **Os Mensageiros** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

_____. **Sexo e destino** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

ⁱ A ordem de publicação do Pentateuco kardeciano foi: O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868), além da Revista Espírita (1958-1869), O Que é o Espiritismo (1859), Obras Póstumas (1890), entre outros.

ⁱⁱ Embora a FEB não fosse a única instituição responsável pela edição e publicação de obras espíritas no Brasil ela acaba detendo, durante muito tempo, essa primazia.

ⁱⁱⁱ Francisco de Paula Cândido Xavier, ou simplesmente, Chico Xavier (1910-2002) foi um médium mineiro e principal divulgador do Espiritismo no Brasil. Publicou 450 obras supostamente através de meio mediúnico.

^{iv} A série A Vida no Mundo Espiritual é composta pelas seguintes obras: **Nosso Lar** (1944), **Os Mensageiros** (1944), **Missionários da Luz** (1945), **Obreiros da Vida Eterna** (1946), **No Mundo Maior** (1947), **Libertação** (1949), **Entre a Terra e o Céu** (1954), **Nos Domínios da Mediunidade** (1955), **Ação e Reação** (1957), **Evolução em Dois Mundos** (1958), **Mecanismos da Mediunidade** (1960), **Sexo e destino** (1963), **E a vida continua...** (1968).

^v Antologia de poemas cuja autoria é atribuída a poetas portugueses e brasileiros mortos. Cf. Francisco Cândido Xavier. **Parnaso de além túmulo**. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

^{vi} uma necessidade de respeitabilidade social que se percebe em mais de um sentido: desejo de marcar uma pertença às classes médias superiores; resposta às acusações de obscurantismo contra a Doutrina; diferenciação em relação às demais religiões mediúnicas: candomblé e umbanda. Cf. Marion Aubrèe, François Laplantine, *op. cit.*, p. 137-138.

^{vii} Algumas vezes ele assina apenas com as iniciais do seu nome. Cf. A. W. F. Um novo livro. **O Reformador**. Jun./1945.

^{viii} Andrew Jackson Davis (1826-1910), ao lado do sueco Emanuel Swendenborg (1688-1772) e do escocês Edward Irving (1792-1834) são considerados no meio espírita médiuns precursores do Espiritismo. Cf. Arthur Conan Doyle. **A história do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1990.

^{ix} Francisco Waldomiro Lorenz (1872-1957) foi um escritor espírita, nascido na Boêmia e radicado no Brasil, que traduziu algumas obras do espiritismo para o esperanto, língua pretensamente universal muito difundida no meio espírita.

^x Esse livro foi traduzido por Carlos Imbassahy e publicado pela FEB com o título A Vida Além do Véu.